



# O INÍCIO DE UMA NOVA ERA

*O principal indicador de sucesso das negociações em Copenhague é um resultado que garanta à atmosfera terrestre experimentar uma redução das emissões de gases de efeito estufa a um nível que evite uma catastrófica interferência humana no sistema climático*

**ANDRÉA ZENÓBIO GUNNENG**

De Oslo, Noruega  
andreagunneng@yahoo.com.br

**D**aqui a duas semanas Copenhague sediará a conferência climática das Nações Unidas mais amplamente divulgada, melhor atendida em termos dos 'grandes' da chancelaria diplomática, ansiosamente esperada e minuciosamente analisada desde o estabelecimento da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (em inglês, UNFCCC), em 1992.

Mais de 16 mil pessoas, entre políticos, diplomatas, jornalistas, ambientalistas e economistas - a lista é longa - de 192 países e cerca de 40 presidentes já confirmados até hoje, se reunirão nos salões de conferência do Bella Center para negociar um tratado sucessor do Protocolo de Kyoto, que termina em 2012.

Na agenda estão novas metas de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE) para os países industrializados; metas de redução de crescimento das emissões de GEE para os

países em desenvolvimento; recursos financeiros advindos dos países ricos para que os países pobres possam mitigar o crescimento de suas emissões e se adaptar às mudanças climáticas; e transferência de tecnologia limpa.

As expectativas são as mais variadas. Da mesma forma que aceitamos 'melhor' a morte de um ente querido que já estava doente há anos do que a morte súbita de alguém sadio, alguns negociadores-chave e mesmo líderes de várias nações, com o apoio da mídia, vêm apregoando desde o mês passado o fracasso da 15ª Conferência das Partes (COP15).

Mas que fracasso seria esse? A não assinatura final de um tratado em Copenhague?

Vale a pena lembrar aqui que o Protocolo de Kyoto levou dois anos para ser negociado e sete anos para entrar em vigor. Que mesmo depois de o Protocolo ter sido adotado, foi preciso mais sete COPs e uma COP-bis para

A COP15 poderá representar uma nova história, mais amorosa e sustentável, para a humanidade e a Terra



SLIM ALLAGUI/AFP

UM PESCADOR de barco desvia-se de fragmentos da Geleira Ilulissat, na Groenlândia, que diminuiu 94 km<sup>2</sup> entre 2001 e 2005

que os impasses políticos fossem resolvidos e os detalhes acordados.

Talvez seja isso o que irá acontecer em Copenhague (guardando as devidas proporções, é claro). Talvez seja um acordo de "comprometimento político" o resultado final da COP15, e não um texto "legalmente obrigatório", o que criaria então a necessidade de se organizar uma COP-bis em maio/junho de 2010. Talvez esse acordo legal só saia na COP16, no México, dando assim tempo para o Senado americano votar a legislação climática daquele país.

O que interessa é que um acordo de comprometimento político da COP15 terá em seu escopo todos os itens de um acordo legal final, incluindo metas e calendários específicos para reduções de emissões de GEF, números de recursos financeiros para os países pobres lidarem com as mudanças cli-

máticas, uma declaração global dos objetivos a longo prazo, junto com uma série de decisões suplementares sobre transferência de tecnologia, recompensas financeiras para frear o desmatamento e recursos para a construção de infra-estruturas que permitam adaptação ao aquecimento global. Dessa maneira, os "comprometimentos políticos" se transformarão em "comprometimentos legais" daqui a alguns meses, seguindo o mesmo percurso do Protocolo de Kyoto.

Além disso, certamente as promessas 'políticas' feitas em Copenhague terão 'o mesmo valor' como se fossem legalmente obrigatórias, uma vez que as nações irão fazer seus compromissos no fórum público de uma reunião da ONU, tendo como expectadores e testemunhas todos os cidadãos do planeta Terra.

O problema é que o mundo teme

que o 'momentum político' criado pela COP15 seja desperdiçado ao não se assinar um novo tratado climático internacional. Mas na realidade, esse 'momentum político' já está sendo totalmente capitalizado em termos de consciência climática por todos os atores da sociedade humana. Antes mesmo de começar, a Cúpula do Clima, como é também chamada a COP15, já é um sucesso. Todo esse processo de negociações climáticas que se iniciou com o Plano de Ação de Bali em 2007, quando foi estipulado um prazo de dois anos de negociações de um novo tratado climático e que a COP15 seria o prazo final para sua assinatura, simplesmente restabeleceu altas expectativas entre empresários, governos, organizações não-governamentais e cidadãos de que precisamos e podemos confrontar seriamente os desafios impostos pelas mudanças climá-

## FIQUE POR DENTRO

Os negociadores chegam à COP15 tendo avançado em algum grau nas discussões sobre adaptação, cooperação tecnológica, mecanismos de financiamentos para países em desenvolvimento e de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD). Entretanto, em dois anos de negociações, pouco se avançou em termos de metas de redução das emissões dos países desenvolvidos e financiamento, dois componentes críticos para selar um acordo em Copenhague.

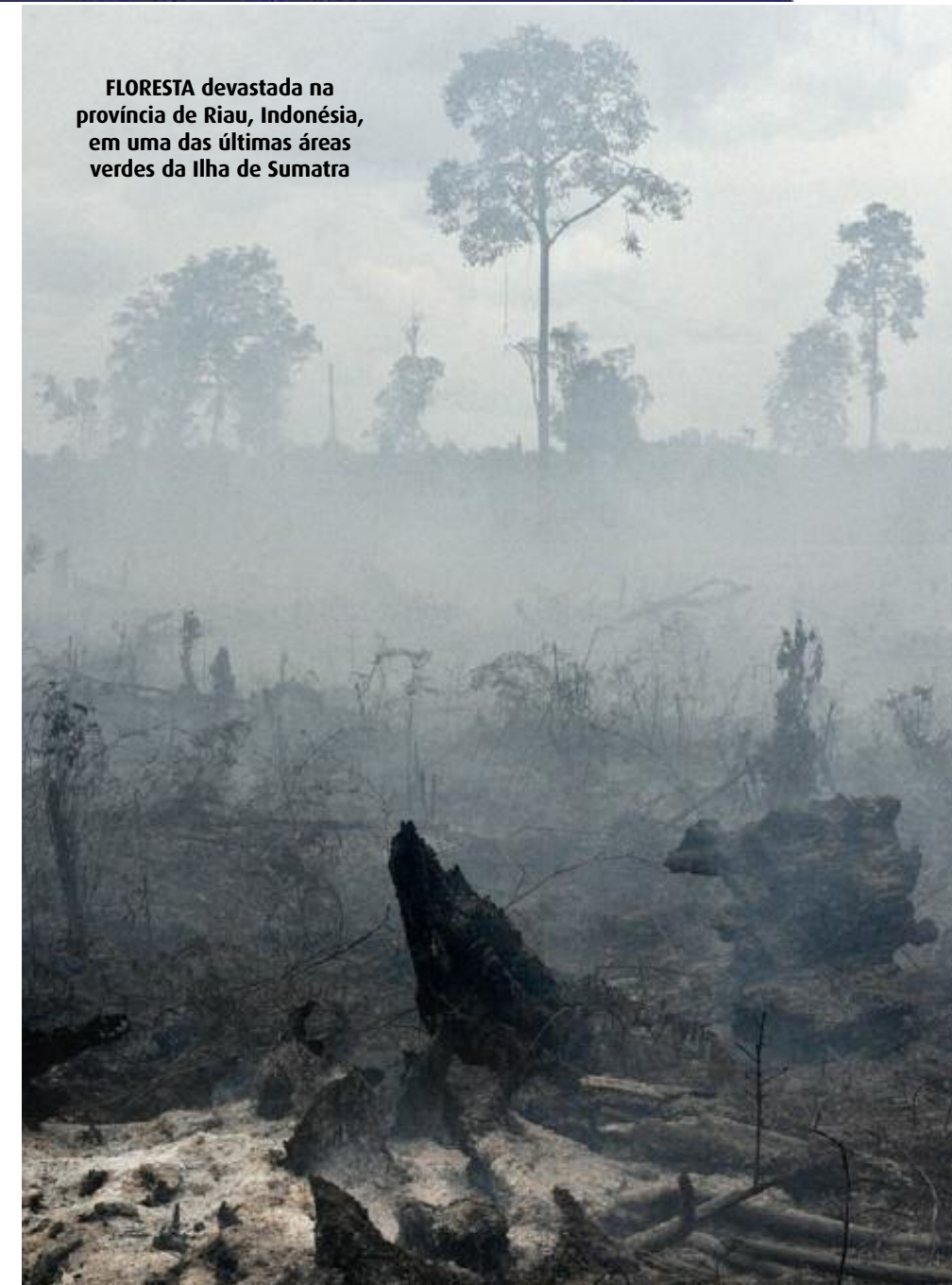
ticas. Nunca a humanidade esteve tão conscientizada das consequências devastadoras das mudanças climáticas e do potencial que temos para combatê-las.

Como disse o laureado pelo Prêmio Nobel da Paz 2007, Al Gore, ao lançar há duas semanas seu novo livro 'Nossa Escolha - Um plano para resolver a crise climática':

*"Os seres humanos têm uma tendência a confundir o inédito com o improvável. Se algo nunca aconteceu antes, tendemos a assumir que não acontecerá no futuro. Mas através da história, têm havido exemplos da sociedade humana se confrontando com ameaças terríveis, e descobrindo que, em suas respostas a estas ameaças, nós somos capazes de muito mais do que pensamos que éramos."*

Impossível aqui desconsiderar o sentimento de frustração e aflição dos países pobres e em desenvolvimento ao confrontarem com a não ratificação legal de um novo tratado internacional já na COP15. Afinal, eles já estão enfrentando as consequências catastróficas das mudanças climáticas. E tal atraso político será pago com milhões

FLORESTA devastada na província de Riau, Indonésia, em uma das últimas áreas verdes da Ilha de Sumatra



BAY ISMOYO/AFP

de vidas de seus povos. Entretanto, há uma grande diferença entre o mundo ideal e o mundo real, pelo menos em meio à sociedade concebida pelos seres humanos.

Mesmo assim, precisamos também reconhecer que, se chegamos aqui hoje, a duas semanas de negociarmos um dos mais ambiciosos tratados climáticos de toda a história da humani-

dade, é porque lá em 1992 foi criado a UNFCCC, porque lá em 1997 foi assinado o Protocolo de Kyoto, que só entrou em vigor em 2005... O importante é que, seguindo um processo, nós chegamos aqui, até a COP15, onde estão sendo negociadas as mudanças dos fundamentos da nossa civilização industrial. Copenhague é apenas o início de uma nova era.

# MITIGAÇÃO

## ESCALA DE AMBIÇÃO CLIMÁTICA PRECISA SER INCREMENTADA

Se somarmos todos os compromissos de redução (mitigação) de emissões de gases de efeito estufa feitas pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento durante as negociações climáticas preparatórias para a COP15 ainda estamos longe de alcançar o nível necessário para limitar o aquecimento global a 2°C.

As reduções de emissões estipuladas pelos países industrializados como um todo alcançam a meta de 8-12% abaixo dos níveis de 1990 até 2020, incluindo nesta conta os créditos florestais que ainda virão. Valor muito diferente dos 25-40% descritos como necessários pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

Se pretendemos alcançar baixas concentrações de GEE na atmosfera, e consequentemente, manter o aumento da temperatura global dentro de limites 'seguros', precisamos de metas muito mais ambiciosas do que as que estão na mesa de negociações. Por outro lado, é bem animador constatar que as ações propostas pelos países em desenvolvimento podem contribuir para uma redução de 5-20% no crescimento total das emissões em 2020.

Analisando hoje as cartas que estão na mesa, é possível comprovar uma diferença enorme de ambição e vontade política entre os 192 países que irão comparecer à COP15.

Lideram a lista dos mais comprometidos Maldivas e Costa Rica, que propuseram se tornar carbono-neutros por volta de 2020. Entre os mais ambiciosos estão Noruega (30-40%), Japão (25%) e Suíça (20-30%), com significativas propostas de redução de GEE abaixo dos níveis de 1990.

Lá no meio da escala de ambição climá-

tica estão os países em desenvolvimento, como a Indonésia (26%), China (20%), México (8%) e Brasil. No último dia 13, a ministra Dilma Rousseff, representando o governo brasileiro, anunciou que o país se comprometerá voluntariamente a reduzir as emissões nacionais de GEE entre 36,1% a 38,9% até 2020, em relação ao que poluiria, se nada fosse feito. E estes valores são baseados em uma projeção de crescimento estimada entre 4% a 6%. As metas de redução irão englobar quatro grandes setores: agropecuária, energia, desmatamento (cujos índices foram estipulados em 24,7% até 2020) e outros, como a siderurgia, que substituirá o carvão de desmate pelo originário de florestas replantadas.

Já a União Europeia fica com seus 20% já validados em lei, mas podendo alcançar um percentual de 30% até 2020 abaixo de 1990 se outros grandes emissores também se comprometerem.

Entre o meio e a parte mais baixa da escala de ambição climática estão os Estados Unidos, cuja proposta (que ainda nem comprometimento é) passa longe do intervalo de 25-40% descritos pelo IPCC para manter o aquecimento global dentro de limites mais baixos. E lá no fundo da escala estão os países que devem ainda propor medidas substanciais para além de "business as usual". São eles: Ucrânia (20%), Rússia (10-15%) e Belarus (8%). Negociações políticas durante a COP15 precisam modificar essa escala, produzindo um aumento do atual nível de ambição da maioria dos países para que a redução das emissões de GEE estejam em conformidade com os imperativos da ciência - mitigação global de

### FIQUE POR DENTRO

#### COMPROMISSOS DOMÉSTICOS

É a proposta apresentada pelos EUA, apoiada pelo Canadá, Austrália e Japão - e condenada por todos os países em desenvolvimento, que acusaram os países ricos de querer 'matar' o Protocolo de Kyoto (inclusive Yvo de Boer, secretário executivo da UNFCCC declarou: "Não se joga fora o par de sapatos velhos se já não se tem em mãos um par de sapatos novos"). Já que até hoje todos os esforços diplomáticos não produziram uma estrutura política, econômica, e ambientalmente viável para um acordo climático futuro, EUA e seus aliados aqui, propõem então a considerar um portfólio internacional de compromissos domésticos. Neste acordo, os países se comprometeriam a honrar metas de reduções de GEE estabelecidas por suas próprias leis e regulamentações nacionais. Este acordo poderia ser um produto de uma COP da UNFCCC, ou então negociado entre si dentro de um grupo menor de países de grandes economias, e depois outros países seriam convidados a aderir.

40% das emissões até 2020 abaixo dos níveis de 1990 - e sejam compatíveis com o grau de desafios que a humanidade e o planeta enfrentam diante das mudanças climáticas. É imperativo lembrar que, segundo o IPCC, mesmo dentro deste cenário, há somente 50% de chances que as mais catastróficas consequências das mudanças climáticas sejam evitadas.





**CICLISTA** chineses pedalam entre a fumaça tóxica expelida pelas chaminés das indústrias: o país é um nome de peso para o fechamento de um novo acordo climático

PETER PARKS

# ADAPTAÇÃO

## QUEM SOFRERÁ MAIS? MELHOR: QUAL SERÁ O NÍVEL DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL?

Confrontar mudanças climáticas não se resume a uma redução - ou mitigação - das emissões de GEE. Sua outra face, adaptação, demanda tão quanto - ou ainda mais - atenção e negociações políticas.

Mudanças climáticas ameaçam todos os esforços de se promover desenvolvimento econômico e social sustentável e de se reduzir a pobreza. Impactos adversos já são parte do cotidiano de muitos países. Daí ser absolutamente essencial que adaptação seja considerada e negociada nos mesmos níveis que mitigação, e que alcance resultados substanciais e concretos dentro do tratado climático global a ser assinado em Copenhague.

Os impactos mais adversos das mu-

danças climáticas serão experimentados pelos países mais pobres, por aqueles que não têm qualquer meio de lidar com realidades ainda mais duras. Entre eles, destaca o IPCC:

- Em 2020, os rendimentos da agricultura pluvial de alguns países africanos (o método mais dominante naquele continente) serão reduzidos em até 50%.

- Cerca de 20-30% das espécies de animais e plantas do planeta estarão sobre o risco aumentado de extinção se a média da temperatura global exceder 1,5-2,5°C.

- Mais de 20 milhões de pessoas foram desalojadas somente em 2008 devido a súbitos desastres relacionados ao clima. Estima-se que 200 milhões de

pessoas se tornarão refugiados climáticos até 2050.

**Financiamento** - A União Europeia (UE) decidiu que serão necessários 100 bilhões de euros (US\$ 148 bilhões) por ano até 2020 para que os países em desenvolvimento possam lidar com as mudanças climáticas e garantiu que pagará sua 'justa parte'. Entretanto, tal decisão está sendo ameaçada por um grupo de nove países europeus 'pobres', que argumentam que os países europeus mais ricos devem pagar mais. Isso porque a UE falou que, para alcançar os 100 bilhões de euros por ano até 2020, iria 'coletar' entre 22 bilhões e 50 bilhões de euros de fundos públicos de todos os países. Entretanto, ainda permanece o enigma de quanto será a contribuição final da UE.

**Dinheiro na mesa** - O secretário executivo da UNFCCC, Yvo de Boer, afirma que os países ricos precisam providenciar um fundo de acesso rápido de cerca de pelo menos US\$ 10 bilhões para que países em desenvolvimento possam começar imediatamente a desenvolver estratégias de crescimento com baixa emissão de GEE e adaptação, além de construir capacidade interna nacionais para lidar com as consequências adversas das mudanças climáticas. Ao mesmo tempo, os países desenvolvidos precisam indicar a forma como pretendem obter financiamentos previsíveis e sustentáveis a longo prazo e quais serão seus compromissos em longo prazo.

**Projetos pilotos** - Três países africanos - Moçambique, Nigéria e Zâmbia - irão receber, cada um, até US\$ 70 milhões em doações ou empréstimos a juros muito baixos advindos de dois fundos gerenciados pelo Banco Mundial para ajudá-los a integrar riscos climáticos e resiliência em seus planos de desenvolvimento.



BAY ISHIOYO/AFIP

**AGRICULTOR** observa uma floresta destruída na Indonésia: imagem do passado ou do futuro que nos espera?



# GESTÃO FLORESTAL

## É UMA DAS FORMAS MAIS CONSISTENTES DE BARRAR O DESFLORESTAMENTO

Depois de 20 anos de discussão, os países membros da Organização das Nações Unidas chegaram mês passado a um acordo estabelecendo o caminho para o financiamento da gestão sustentável de florestas. O Fórum das Nações Unidas sobre Florestas, concordou, em uma reunião na sede da ONU em Nova York, em estabelecer duas iniciativas que "ajudará particularmente os países pobres que precisam de assistência".

Um processo intergovernamental está sendo criado para conduzir, ao longo dos próximos quatro anos, análises detalhadas de todas as formas de financiamento florestal. Ao mesmo tempo, um outro processo ajudará os países a mobilizar fundos para que eles possam proteger suas florestas.

**Vida ou morte** - Gestão sustentável de florestas ou manejo florestal sustentável? Somente uma questão de terminologia? Absolutamente não. Está escrito no Plano de Ação de Bali sobre o mecanismo de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD): "Estabelecerá abordagens políticas e incentivos positivos sobre assuntos relacionados com REDD em países em desenvolvimento; e o papel de conservação, gestão sustentável de florestas e valorização dos estoques de carbono das florestas nos países em desenvolvimento".

Gestão sustentável de florestas é um conceito dinâmico e em evolução, adotado oficialmente pela ONU, e que implica manutenção e valorização econômica, social e ambiental de todos os

tipos de florestas para o benefício das gerações presentes e futuras.

Entretanto, a indústria madeireira vem fazendo um forte *lobby* e conseguiu que a terminologia 'manejo florestal sustentável', que permite a extração-industrial de madeira 'de maneira sustentável', fosse incluída nos textos negociados nas conversas climáticas em Bangcoc e Barcelona da ONU este ano. Em várias partes do texto, as duas terminologias são usadas alternadamente.

O debate continuará durante a COP15, mas uma forte campanha de conscientização sobre o significado e a diferença que as duas terminologias implicam vem sendo desenvolvida entre os negociadores e jornalistas por organizações não-governamentais. A adoção de uma ou outra terá um profundo impacto na vida de 1,6 bilhão de pessoas ao redor do mundo que dependem diretamente das florestas para sua subsistência.

**Percentual errado** - Atenção jornalistas e políticos brasileiros! O percentual de cerca de 20% para representar o valor global de emissões de CO<sub>2</sub> advindas de desflorestamento e degradação florestal não corresponde a realidade. Novas análises publicadas no início deste mês no jornal científico *Geociência da Natureza* comprovam que a melhor estimativa hoje é de que esse percentual seja de cerca de 15%. A mudança de estimativa das emissões é devido a vários fatores, incluindo aumento das emissões de combustíveis fósseis, como também revisão das esti-



**AS FLORESTAS** devem ser utilizadas conscientemente e valorizadas do ponto de vista moral e ético, de sua importância no ciclo natural do planeta

mativas de emissões advindas de desflorestamento graças ao avanço de novos dados e análises científicas. Essa mudança de 20% para 15% não é devido a uma diminuição de desmatamento desde 1990. De fato, análises globais confirmam que os níveis de desflorestamento de 2000 foram similares aos de 1990. Então, esta nova estimativa de 15% do valor global das emissões de CO<sub>2</sub> advindas de desflorestamento não é um sinal de progresso! ■

O MANEJO florestal sustentável é um conceito dinâmico que pode evitar a destruição das áreas verdes do planeta